



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 08

## **Maria e Café**

**Branca Vianna:** Seja bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Tem alguns encontros que abrem um novo capítulo na vida da gente. Às vezes a gente sabe na hora. Às vezes a gente percebe logo depois. Às vezes demora anos pra gente se dar conta do impacto que aquilo teve. De como mudou o nosso caminho. E não só o caminho, mas a maneira como a gente percebe o mundo. É um terremoto interno. A gente entra de um jeito e sai de outro.

Na história dessa semana, a gente vai acompanhar um encontro desses de perto, ao pé do ouvido. E quem conta essa história é a pessoa que viveu tudo isso: a Maria Stockler Carvalhosa.

---

### **ATO1**

**Maria Stockler Carvalhosa:** No dia 29 de maio de 2022, eu tava almoçando com a minha mãe quando meu telefone tocou. Era a Pamela do Instituto Magnus. O Instituto Magnus que é uma organização em Sorocaba que treina cães guias pra pessoas com

deficiência visual. Quando eu atendi o telefone, ela me perguntou se eu gostava de café. Eu falei que sim. Era mentira. Eu adoro o gosto de café — mas eu não bebo, porque me deixa ansiosa demais. Eu só falei que sim porque eu ia adorar ir até Sorocaba pra tomar um café com a Pamela, se isso fosse um convite. Mas isso tinha sido só uma brincadeirinha dela pra me dar uma notícia: eles tinham encontrado um cão-guia pra mim. Um labrador de um ano e dez meses chamado Café. Eu nunca achei que isso fosse acontecer — porque a probabilidade não tava a meu favor.

No Brasil, hoje, tem cerca de 130 cães-guias em atividade. O número varia, algumas pessoas acham que chega a até 200, mas é por aí. E a população no país com pessoas de deficiência visual severa passa de 6 milhões. Ou seja: pra cada cão-guia, tem por baixo trinta mil pessoas cegas. Então é tipo jogar na Mega Sena.

E tem outra: um cão-guia, obviamente, não vai te acompanhar pra sempre. Depois de uns 8 a 10 anos de função, eles são aposentados. É uma aposentadoria compulsória, que nem funcionário público. Aí eles deixam de ser cães de trabalho e passam a ser pets. Daí, quando isso acontece, você tem que pegar a fila de novo, só que, se você já foi usuário de cão-guia, você tem prioridade nessa fila. O que não era o meu caso.

Não dá pra comprar um cão-guia. O que é bom, porque na teoria não tem uma barreira econômica pro acesso — mesmo que você ainda precise pagar todas as necessidades do cachorro. Mas também significa que você depende totalmente das organizações que formam os cães pra conseguir um. Então, quando eu fui atrás de um cão-guia, eu não tava muito esperançosa.

Eu me inscrevi nas filas de espera de escolas de treinamento dentro e fora do Brasil. As filas são imensas, então era mais um gesto do que um plano. Eu comecei essa busca em 2017. Eu tinha 15 anos, e fazia dois que eu tava cega. Eu nem tinha aceitado ainda que ia passar o resto da minha vida assim. E é muito raro darem cães guia pra menores de idade. Mas, nisso, a demora ajudou.

Em setembro de 2021 – quando eu já tinha 19 anos – eu recebi um e-mail do Instituto Magnus dizendo que eu tinha entrado no processo seletivo deles. Eu mandei meu laudo oftalmológico, um eletrocardiograma, um exame de aptidão física e uns vídeos meus me apresentando, dizendo por que eu queria um cão-guia, andando de bengala na rua, mostrando a minha casa, a minha rotina e a velocidade do meu passo. Era uma coisa meio assim, meio vestibular, meio exame admissional, meio candidatura pro BBB.

Eu era uma candidata, mas a equipe do Instituto precisava ainda achar um cachorro que fosse compatível comigo. Não é qualquer cachorro que vai dar certo com qualquer pessoa. O Instituto tenta combinar tudo. Cachorros mais pilhados pra pessoas com rotinas intensas, cães mais tranquilos pra pessoas que não se deslocam tanto. Eles pensam na sua personalidade, na sua vida: se você é tímido, carinhoso, disposto a brincar. Pensam no seu dia-dia, tudo. Até o seu peso, a sua altura, e a velocidade do seu passo entram na conta. Tudo tem que bater. É quase como se tivessem me procurando em formato de cachorro. E demorou, mas acharam.

Eu não sabia nem como agradecer a Pamela. Ela disse que a adaptação ia ser no mês seguinte, lá no Instituto. Ia ser um treinamento inicial de duas semanas. E, se desse tudo certo, o cão-guia ia voltar pra casa comigo. Ele não ia ser “meu”. Não dá pra falar assim. Porque o cão-guia, tecnicamente, não é mesmo seu. Ele é de responsabilidade da escola de treinamento, que só deixa ele temporariamente com você. E tem um contrato pra isso. Se você não cuida direito do cachorro, ou se quebra alguma cláusula, você deixa de ser a usuária do cão-guia. Eles buscam o cachorro e você entra na fila mais uma vez.

É um processo bem particular. Por um lado, é basicamente uma relação profissional, de prestação de serviço. Por outro, quase parecia que tinham encontrado a minha alma gêmea, e que eu tava entrando num casamento arranjado.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Duas da manhã, tô gravando esse áudio, enfim, tô ansiosa.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Eu comecei a me preparar pra esse encontro. E comecei a gravar um diário.

**Maria Stockler Carvalhosa:** É muito difícil para mim entender a dimensão de como vai ser essa relação com um cachorro muito próxima. O cachorro tem uma personalidade dele e essa personalidade vai passar a fazer parte do que eu considero como parte de mim também. E ele não é uma ferramenta, não é a bengala que eu uso, dobro, e tá tudo bem. É um bicho, é um animal, com quem eu vou ter que desenvolver uma relação para a minha adaptação ser muito boa. Então, tudo isso que falam – é, eu não vou poder deixar que outra pessoa dê ração pra ele, eu não vou poder deixar que outra pessoa escove ele ou que leve ele para o veterinário. Eu tenho que fazer tudo. Vai ser um puta de um trabalho e um puta trabalho recíproco.

Eu não consigo, sabe, nem vislumbrar assim, como que vai ser. Eu sei que essa mudança enorme vai ser para o resto da minha vida, assim. É, tipo, agora eu tô "pré" essa mudança. Sei lá, daqui a muitos anos eu vou... vai ser muito marcado, eu acho, tipo, quando eu ganhei um cão-guia e antes d'eu ganhar um cão guia. E ele vai ser uma graça. Ele vai ser muito fofo, cara. Ele vai ter um ano e meio agora. É um labrador marrom chamado Café. Muito louco.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Agora eu ia ser responsável por um ser vivo que também ia ser responsável por mim. Eu ia ter que confiar na nossa relação. Uma relação que ainda nem existia. Eu nem conhecia esse cachorro que teoricamente era igual a mim. Eu ia ter que me organizar, cuidar dele e manter ele treinado. Ele ia estar sempre junto comigo, porque eu e ele temos o direito, garantido por lei federal, de entrar e permanecer em todos os lugares públicos ou privados de uso coletivo.

Se a minha adaptação com ele desse certo, eu ia voltar a ter um nível de interação com o mundo, com a cidade e com as outras pessoas que eu não conseguia nem imaginar. É um desses momentos que dividem a vida da gente em antes e depois.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Então, tem algumas coisas que eu ainda preciso fazer antes de receber o cão-guia. Eu vou encontrar na segunda-feira a Vanessa, que é uma professora do Benjamin Constant, pra ela me ajudar a desenvolver o mapa mental da PUC. Porque eu encontrei o George, que é o instrutor do cão-guia, e ele falou que eu passo em todos os requisitos pra ter o cão-guia, saber andar de bengala e tudo mais. Eu só não tenho desenvolvido o mapa mental da faculdade. E pra ter o cão-guia, seria melhor que eu já estivesse muito bem adaptada nos espaços que eu convivo, assim.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Eu tinha conhecido o George, o instrutor de cães-guias, um mês antes. Ele me acompanhou durante um dia pra avaliar a minha caminhada com a bengala. E ele percebeu logo que eu não conseguia navegar muito bem pela faculdade. Eu tava no quinto período da graduação, mas eu tinha feito os outros quatro semestres remoto, por causa da pandemia. Eu me virava sozinha com a bengala quando eu já tava dentro do prédio em que eu tinha aula, mas eu precisava de ajuda pra chegar e pra sair de lá. E isso era uma coisa que poderia atrasar a minha vez na fila do cão-guia, porque pra poder andar com ele, eu precisava ter uma noção melhor do espaço. Então, antes de ir pro treinamento, eu tinha que fazer uma aula.

**Vanessa França:** Alguma coisa que seja referência. Referência...

**Maria Stockler Carvalhosa:** Eu me encontrei lá na faculdade com a Vanessa. Ela é professora de orientação e mobilidade do Instituto Benjamin Constant, que tem uma escola pra deficientes visuais e oferece cursos técnicos e reabilitação também.

**Vanessa França:** E aí a gente vira pra direita, porque o teu prédio tá pra lá.

**Maria Stockler Carvalhosa:** A Vanessa me explicou como era o prédio, qual que era o caminho até as escadas, onde tavam os restaurantes e os banheiros, onde ficavam os elevadores e as minhas salas. Só aí que eu realmente pude definir a “cara” da

faculdade, dos prédios. Só aí que eu entendi realmente como era o lugar que eu ia todos os dias.

**Maria Stockler Carvalhosa:** A pista e qual que era o outro nome?

**Vanessa França:** Referência é o que é fixo, ponto de referência fixo, então a, a portaria é um ponto de referência porque ela dificilmente vai sair daqui.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Esse vocabulário provavelmente é tão novo pra você quanto era pra mim. Orientação e mobilidade, que é o que a Vanessa ensina, é uma coisa bem central no mundo das pessoas cegas. São ferramentas que te ajudam a se localizar no espaço – essa é a parte da orientação – e, a partir daí, como chegar onde você quer – essa é a mobilidade.

**Vanessa França:** Por exemplo, as bicicletas são pistas, tem o bicicletário aqui, a essa hora quase não tem bicicleta, porque está perto de troca de horário de turno, com muita gente saindo, então daqui a pouco vai lotar que vai chegar o pessoal para o turno da tarde. Então, o bicicletário, quando ele está cheio, vazio, são pistas. O bicicletário é referência, mas as bicicletas são pistas porque ora elas vão estar, ora não.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Aí, naquela hora, a Vanessa começou a mudar o jeito que eu percebia o mundo. Tinha as referências – que são as coisas que não saem do lugar – e as pistas – as coisas que são em movimento ou que são temporárias, que podem mudar. O som da conversa dos porteiros, por exemplo, era uma pista de que a gente tava perto da portaria.

**Vanessa França:** É uma pista sensorial de que você tá na sombra.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Tinha o frio da sombra das árvores.

**Vanessa França:** Então, à medida em que você vai se aproximando do seu prédio vai ficando mais friozinho porque é bem, bastante arborizado.

**Maria Stockler Carvalhosa:** O fluxo de pessoas passando. O cheiro de comida das barraquinhas.

**Vanessa França:** Tá? Então, essa é informação que você tem que começar pegando do ambiente. Então, a primeira coisa a gente se enquadra com costas. Ou ombro.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Como assim?

**Vanessa França:** As suas costas tá enquadrada na referência, a portaria está atrás de você. E aí você começa a ser orientado para minha direita. E o que tem pra minha esquerda que está na minha frente.

**Maria Stockler Carvalhosa:** E isso, eu, eu me oriento a partir do som ou...

**Vanessa França:** Do som e do mapeamento mental mesmo, chega pra cá que tá entrando carro.

**Maria Stockler Carvalhosa:** E eu tenho o resíduo visual, também, eu consigo ver que ali tem alguma coisa, meio um solavanco, assim, né?

**Vanessa França:** Então, é onde bota as rodinhas das bicicletas, o bicicletário, onde encaixa as bicicletinhas para prender. Então, aqui na frente já é uma referência. Tem duas ruas, uma que entra os carros e a que sai. Então essa é uma orientação que você tem que ter também. À sua direita, tem perigo de carro entrando; à sua esquerda, tem perigo de carro saindo. Então o som são pistas que também te orientam.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Essa foi uma das coisas que eu mais tive dificuldade pra desenvolver depois que eu fiquei cega. Eu demorei muito pra voltar a entender o espaço à minha volta. Antes, parecia que todos os sentidos se juntavam na visão. Eu escutava um barulho, por exemplo, e era quase automático virar a cabeça pra

procurar o que era. Parecia que a visão era onde se processava a realidade. Como faz pra entender o mundo ao meu redor se eu não podia mais contar com a visão, e todos meus outros sentidos tavam diferentes, amplificadas?

Eu perdi as referências de dimensão que eu tinha antes. Parecia que o que eu conseguia perceber do espaço (os barulhos, a corrente de ar, a temperatura, a textura do chão...) eram coisas que tavam rolando em paralelo – mas que não se juntavam. Esse sistema de pistas e referências que a Vanessa me ensinou ajudava a categorizar as coisas.

**Vanessa França:** Deixa eu te mostrar.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Desculpa, eu sou muito curiosa.

**Vanessa França:** É, não, tá certa.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Eu fiz tantas perguntas pra Vanessa que ela disse que podia ser bom eu fazer uma reabilitação no Instituto Benjamin Constant. E ela me convidou para eu ir lá no dia seguinte.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Oiê, tudo bom? Eu vim encontrar a Vanessa.

**Vanessa França:** Oi, Maria.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Oi, Vanessa! Tudo bom?

**Maria Stockler Carvalhosa:** Eu tinha passado só uma vez no Instituto, alguns anos antes. E, depois disso, não tinha voltado mais.

**Vanessa França:** Mas deixa te perguntar você começou a perder a visão quando?

**Maria Stockler Carvalhosa:** Com 13 anos de idade.



**Maria Stockler Carvalhosa:** Até meus treze anos, eu enxergava perfeitamente. Não precisava nem de óculos, nada. De repente, a minha visão começou a piorar. Eu comecei a ter dificuldade para ler. Eu ficava com pressão meio baixa, tonta. Foi aí que descobriram que eu tava com hidrocefalia, que é um acúmulo de líquido no crânio.

O problema era que um tumor benigno tava fechando a passagem de líquido no cérebro – como se fosse tipo uma micro-barragem –, e o que tava sendo pressionado era o meu nervo ótico. Mas o dano ainda não era grande. Nessa altura, eu podia ter feito uma cirurgia pra retirar o tumor e provavelmente ia voltar a enxergar bem. Mas o primeiro neurocirurgião que me viu errou o diagnóstico. Ele fez uma cirurgia em mim, depois outra, depois mais outra e mais outra. Ele foi se atrapalhando e o dano ficou permanente. No final de um mês e meio, eu não tava enxergando quase nada.

Quando eu fiz a primeira cirurgia, tinham dito que eu ia melhorar, que eu ia ter uma “vida normal”. A cada cirurgia, diziam que eu precisava repousar, que eu tava me recuperando. O neurocirurgião ficava repetindo isso: “Vida normal, vida normal”. Chegou uma hora que isso já não fazia sentido nenhum. Minha vida não tava nada normal.

Eu tava presa num loop, indo e vindo do hospital. Parecia que tinham virado a minha recuperação do avesso. Eu voltava para casa e só ficava pior. Não fazia sentido nenhum. Mesmo depois de todas as cirurgias, eu nunca saí desse pique recuperação.

Eu comecei a me consultar com curandeiros espirituais que prometiam altos milagres, comecei a fazer exercícios que também prometiam resultados irrealistas. Eu fiz tudo, eu me esforcei muito, e eu tive esperança em tudo que pudesse trazer a minha visão de volta. Até que uma hora eu cansei. Mas, mesmo quando eu cansei, eu ainda tinha pavor de dizer que eu era “cega”. Aceitar que eu tava cega seria aceitar tudo que tinha acontecido – todas as cirurgias, o jeito esquisito e sem noção que começaram a me tratar. Aceitar que tudo aquilo era real, e que a minha vida não ia ser “normal” nunca mais. Por isso, eu evitava o Instituto Benjamin Constant. Acho que

eu tinha um medo de ver que eu era mais parecida com as pessoas ali do que com todo mundo que eu conhecia antes. Mas, nesse dia, eu me vi lá.

A Vanessa me mostrou o prédio e onde aconteciam as aulas. Ela me levou pra assistir um pouco o curso de massoterapia, o treino de judô e o de goalball. Tinha um monte de coisas lá que eu queria aprender já há um tempo. Eles davam curso para ler em braile, curso de tecnologia assistiva, aula de atividades da vida diária. Te ensinam técnicas que uma pessoa cega pode usar pra ser mais simples cozinhar, organizar o armário, lavar roupa, limpar a casa e outras coisas importantes pra ter uma vida adulta independente.

Uma professora disse que ia me chamar pruma conversa que eles iam ter sobre deficiência e sexualidade. Uma menina me convidou prum churrasco dos alunos. Eu tinha tanto medo desse lugar e, agora que eu realmente tava no Benjamin Constant, eu tava totalmente encantada.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Estou aqui voltando do Benjamin Constant. É muito impressionante, assim, tipo, tanto hoje quanto ontem, quando eu encontrei a Vanessa. É, parte da minha cabeça tá explodindo um pouco, é muita informação e muita coisa. Eu realmente não tinha tanto contato com cego, com outras pessoas cegas e... nossa, eu tô cansada. Mas bom e bom conhecer outras perspectivas de cegueira e outras coisas e, e... meio em choque, assim. Sei lá, um outro mundo.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Em 2016, a minha mãe contou que tinha saído no laudo oftalmológico que eu tava legalmente cega. Eu comecei a rir. Não era verdade. Eu ainda enxergava um pouco – é o que chamam de “resíduo visual”. Mas eu me agarrava nesse resíduo.

Quando me perguntavam na rua que que eu tinha, eu inventava que tinha esquecido meus óculos em casa, que era muito míope, ou que eu precisava voltar no oftalmologista logo porque o meu grau devia ter aumentado, ou que eu tinha acabado de pingar colírio pra dilatar a pupila, ou que eu andava um pouco tonta esses dias, mas que tava

tudo bem. O máximo que eu conseguia dizer era que eu “tava com um problema de visão”. Eu não tinha aceitado que eu ia precisar aprender outras formas de fazer as mesmas coisas que eu tava acostumada a fazer antes.

Eu queria muito um cão-guia. Mas quando eu comecei a preencher os formulários pra essas escolas de treinamento, eu descobri que um pré-requisito era dominar muito bem a bengala. E eu não queria usar bengala. Eu não queria que essa fosse a primeira coisa que as pessoas vissem de mim. Mas, como eu não usava bengala, eu não conseguia sair sozinha de casa. Eu precisava sempre de outra pessoa pra me ajudar, pra me dar a mão e pra avisar se tinha algum obstáculo na minha frente. Eu andava devagar porque eu tava sempre insegura, com medo de bater em canteiros, hidrantes, postes, placas, orelhões. E não adiantava não tá com a bengala, né? Qualquer um que me olhava percebia que eu não tava enxergando.

Eu fui percebendo que eu tava pagando um preço muito caro pra não usar a bengala. E à toa. Ninguém se importava tanto assim se eu era cega. Eu tava cansada de ficar tanto dentro de casa. Eu tava chegando na idade adulta. Se eu quisesse voltar a sair de casa sozinha, pegar ônibus, andar na rua, ir à padaria, à praia, à faculdade ou qualquer outra coisa, eu ia ter que aprender a andar de bengala.

Em 2018, eu me rendi. Minha mãe contratou um professor particular que me ensinou os movimentos básicos da bengala – tipo jeitos diferentes de empunhar, como fazer uma varredura no chão, como subir e descer escadas. A parte da orientação eu tive que ir desenvolvendo sozinha. Tipo: como me manter atenta, como criar memória dos lugares pelos quais eu passava, como me localizar, como reconhecer o espaço, as ruas, os prédios... como usar o máximo das informações disponíveis. Mesmo assim, eu ainda era meio relutante. E tava pra vir um desafio bem maior.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Tá, acho que está gravando. Hoje é dia 17 de junho de 2022. É, eu tô... é uma sexta feira, eu vou pra São Paulo amanhã e eu vou entrar no Instituto Magnus no domingo. Eu sou péssima de fazer mala.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Eu não sabia nada sobre o treinamento. Tudo que o George me disse foi que ia ser "emocionalmente intenso". Ele falou que não eram férias, que eu ia ficar cansada. Ah, e tinham me avisado que em Sorocaba fazia frio.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Pegando aqui cachecol. Peguei uma segunda pele, peguei outro cachecol. Minha mãe pediu preu levar luvas, que é uma coisa engraçada.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Era um processo de reabilitação, um treino de orientação e mobilidade com cão-guia. Eu tava achando que o treinamento era pros cachorros. Só que eles já sabiam tudo. Eles já tinham treinado tudo que a gente ia fazer. Essas duas semanas iam ser a adaptação deles com a gente. Na verdade, era mais um treinamento da gente. Como fazer pra ser guiada. Os movimentos e os comandos pra se comunicar com o cachorro. Como manter o treinamento dele, como cuidar dele. Esse treinamento nosso, na verdade, é a terceira fase, a fase final do treinamento deles.

**Maria Stockler Carvalhosa:** uma outra camiseta de manga comprida, do Philip Glass.

**Maria Stockler Carvalhosa:** A primeira fase é a socialização. Começa quando os cachorros têm mais ou menos dois meses. Durante um ano, eles moram com uma família socializadora voluntária. As pessoas dessa casa são responsáveis por ensinar pro cachorro tanto regras básicas de comportamento quanto por levar ele ao máximo de situações sociais diferentes – tipo escolas, feiras, churrascos, supermercados, shows, etc. Assim, o cachorro vai se acostumando e aprendendo como lidar com esses ambientes.

Depois desse ano, o cachorro volta pro instituto e é treinado pelos instrutores. Essa é a segunda fase, que dura mais ou menos cinco meses. É nessa fase que os instrutores ensinam pro cachorro como, de fato, guiar uma pessoa que não enxerga.

Tipo: não basta ele desviar dos obstáculos no nível do chão, tipo canteiros. Eles têm que tá atentos a obstáculos aéreos – pra uma pessoa bem mais alta que eles – tipo galhos e placas.

Não é só um adestramento. O cachorro tem que entender que a pessoa que tá do lado dele não enxerga. Ele tem que entender pra onde ela tá indicando que quer ir.

E o cachorro é o líder na caminhada. É ele que vai tomar as decisões pra que os dois cheguem em segurança. Por exemplo, se o usuário diz pro cachorro ir em frente, mas na frente deles tem um carro parado na calçada, o cachorro vai decidir qual é o melhor jeito de desviar. O cachorro aprende a considerar ele e o parceiro cego como um só volume. Ele leva em conta o tamanho dos dois pra desviar dos obstáculos da rua, entrar em portas, elevadores, escadas rolantes e tudo mais. E tem uma série de movimentos e comandos verbais que o usuário vai utilizar pra andar com o cachorro.

Na fase final, a adaptação, os instrutores ensinam o mesmo sistema de comunicação pra pessoa cega.

No dia 18 de junho de 2022, eu peguei um avião pra São Paulo – e, na manhã seguinte, o meu tio me levou de carro até Sorocaba.

**Guilherme Stockler:** Tamo chegando aqui, ó. E tem uma placa linda de um cachorro, ali, um golden. Aqui só tem um carro. A gente vai ser recepcionado pelo George. Já está saindo. Parece um lenhador.

**George Harrison:** E agora vou ter um pouquinho de sotaque do Rio de Janeiro.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Graças a Deuxxx!

**Maria Stockler Carvalhosa:** O George me mostrou como era o hotel do Instituto.

**George Harrison:** Entrou aqui no hotel, isso aqui é uma porta dupla, tá? De correr. A gente vai virar pra esquerda, aí vira à esquerda de novo e aqui é um dentinho que tem no corredor.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Ele me ajudou a mapear a organização do prédio: a sala, o refeitório, a cozinha, onde ficava a geladeira, o bebedouro e a lixeira, os banheiros e o meu quarto.

**George Harrison:** Do lado direito aqui vai ter uma mesa com uma cadeira, você pode usar à vontade aí pra computador, pra fazer os seus diários, né? Não sei como falar, o livro, diário. Não sei o quê.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Podcast?

**George Harrison:** Podcast. Eu não sou, eu não sou muito do digital, tá?

**Maria Stockler Carvalhosa:** A turma em que eu tava tinha outros quatro deficientes visuais – todos homens mais velhos que eu. Dois deles já tinham tido cães-guias antes. Eu conheci o Gustavo, o outro instrutor de cão-guia que ia fazer a nossa adaptação junto com o George.

Depois de uma primeira caminhada em torno do prédio, pra entender a rota que a gente ia fazer com os cachorros, a gente voltou pra comer uma pizza. Eu tava exausta. E eu só ia conhecer o Café no dia seguinte, de tarde.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Se tudo der errado... Se eu não conseguir o cão-guia, porque tem essa probabilidade ainda. O George falou que, tipo, eles entregaram 50 cães-guia até agora, e só duas pessoas saíram sem o cão-guia. Mas sei lá na hora eu fiquei muito, tipo, "Tá, eu vou ser a terceira. Vou ser a terceira pessoa que vai sair sem cão guia". E depois eu fiquei, tipo, "Óbvio que não, Maria, cê chegou até aqui, vai dar certo, você vai conseguir". Não sei como

é que ele vai ser. Não sei como é que eu vou ser com o Café. Não sei. Não sei de nada.

**iPhone:** Acordar. Despertador ativado. Sete 30 sete sete sete sete seis. Seis seis seis. Dez. Zero seis.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Se eu acordar às seis e me arrumar, ou será que eu acordo mais cedo?

**iPhone:** Gravador parar. Botão.

**Maria Stockler Carvalhosa:** De manhã, o George e o Gustavo mostraram o que a gente ia usar com o cão-guia. São três peças: a guia, o equipamento (que também pode ser chamado de alça ou de arreio) e, por fim, às vezes se usa uma coleira chamada "gentle leader". Tudo isso antes de o cachorro chegar.

Eles ensinaram a gente a montar o equipamento num boneco de cachorro. Daí eles ensinaram as três posições que eles treinam na caminhada com o cão-guia. A primeira é a posição de parada: os seus pés estão alinhados com as patas dianteiras do cachorro. A segunda posição é quando você dá o comando pra ele começar a caminhada. O pé esquerdo continua na frente e o direito vai pra trás. Parece que você tá fazendo a egípcia. Na terceira, você traz o pé que tinha ficado na frente pra trás também. Essa posição abre espaço pro cachorro.

Eles ensinaram os movimentos que indicam que a gente quer ir pra direita ou pra esquerda. O George e o Gustavo ficavam repetindo: "primeira posição, segunda, terceira". "Primeira, segunda, terceira". Parecia um treinamento de balé.

Aí eles saíram com cada um por vez pra dar uma volta no instituto. Eles pediram pr'eu segurar a alça e a guia, e o Gustavo ficava segurando o equipamento, fazendo as vezes de um cachorro imaginário. A gente ia andando e ele ia puxando o equipamento um pouco pra direita, um pouco pra esquerda, imitando o movimento do cachorro. Eu ia ter que aprender a sentir essas oscilações pela alça que eu tava segurando e me

deixar levar pelo cachorro. Parecia um pouco com a sensação de estar no mar. E era muito diferente da bengala.

Com a bengala, eu ficava numa posição meio de controle. Eu tinha que procurar saber tudo que tava num raio pequeno em volta de mim. A minha bengala tinha uma ponta roller – como se fosse uma caneta esferográfica. Ela funciona realmente como uma extensão do dedo. Parece que você tá tocando o tempo inteiro no chão. Você varre o que tá na sua frente e pelas vibrações da bengala, você consegue perceber tudo: a textura do chão, os buracos, os tapetes, os desníveis, as ranhuras e as falhas do piso.

A bengala meio traduz a visão pelo tato. Só não tem como mapear o que tá num nível mais alto, então é inevitável bater a cabeça, o ombro, o braço, enfim. É como se uma pessoa que enxerga tivesse andando num lugar totalmente escuro, com só um mini-foco de luz que vai seguindo exatamente em cima de você. Você consegue enxergar um círculozinho à sua volta. E só. Se você estiver prestando atenção, você não tropeça. Mas não é uma ferramenta que vai te dar uma noção maior do espaço.

Eu fui percebendo – nessa caminhada com o Gustavo, enquanto ele desviava dos obstáculos e eu ia sentindo pela alça – que andar com o cão-guia era como estar totalmente no escuro. Não tem nada a ver com o jeito que eu tava acostumada a andar antes ou depois de ficar cega. Não é uma adaptação, é outra história. Outro jeito de andar.

O cachorro desvia e você tem que confiar nele. No começo parece um espaço vazio. O cachorro pode ir te desviando, de um jeito suave, de obstáculos que tão talvez muito longe. Você começa a ficar mais ligada, não só ao que tá à sua volta, mas em tudo que os seus sentidos percebem e que podem te dar uma noção maior do lugar: as correntes de ar, a relação do som no espaço, se tem eco ou se o som para por causa de uma parede.

Ao mesmo tempo, eu tinha que ir percebendo as oscilações da alça, tinha que prestar mais atenção pra poder ser guiada. Ia ser uma relação tipo de simbiose da biologia –



sabe, tipo aqueles passarinhos que "palitam os dentes" dos jacarés? Dois seres "funcionando" juntos. Agora só faltava o outro ser pra funcionar junto comigo.

**iPhone:** Voz desativada.

**Gustavo Ferraz:** Para você segurar, que a gente vai agora buscar.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Que emoção.

**Gustavo Ferraz:** É, é gostoso, né? Mas fica tranquila.

**Maria Stockler Carvalhosa:** O encontro ia ser depois do almoço. Antes de irem buscar os cachorros, o George e o Gustavo deram uns petiscos – não pra gente, pros cachorros – pra facilitar o nosso entrosamento à primeira vista. Eu fiquei sozinha no quarto muito nervosa.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Eu estou rezando aqui pra dar tudo certo.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Tinha que dar certo. E se não acontecesse essa "ligação mágica" que todo mundo fala? E se, depois de tudo isso, não desse "match" entre eu e o cachorro? Eu fiquei esperando eles chegarem, imaginando como ia ser.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Pode entrar!

**iPhone:** Voz desativada.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Oiê.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Assim que o Café entrou no quarto, eu esqueci de tudo que tava na minha cabeça.

**George Harrison:** Aqui, ó, pode abaixar, dar um biscoitinho pra ele, fazer um carinho.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Ele veio correndo pra mim procurando os petiscos e querendo brincar.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Opa, tudo bom? Tudo bem? Não tem mais, desculpa.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Eu sentei no chão e comecei a fazer carinho nele. Ele tava tão animado que eu fui ficando animada também. Parecia que eu também era filhote, que nem ele. Ele me derrubou no chão, eu tentei derrubar ele de volta.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Como você é bonito, cara!

**Maria Stockler Carvalhosa:** Pelo nome Café eu tinha imaginado que ele era marrom. Mas eu conseguia ver o suficiente pra entender que o pelo dele, além de muito macio, era muito preto. Eu peguei ele na coleira e fui mostrar o quarto.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Quer ver aqui o banheiro?

**Maria Stockler Carvalhosa:** Eu não sabia exatamente o que eu tava fazendo, mas eu tava absurdamente feliz.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Prazer em te conhecer! [ri]

**Maria Stockler Carvalhosa:** Não sei quanto tempo a gente ficou nessa. Na verdade, eu não saberia se eu não estivesse gravando um diário em áudio, porque pelo áudio dá pra saber.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Solta.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Do momento que o Café entrou no quarto...

**Maria Stockler Carvalhosa:** Solta.

**Maria Stockler Carvalho:** Até o momento em que deu ruim...

**Maria Stockler Carvalho:** Gente, eu preciso de ajuda!

**Maria Stockler Carvalho:** Foram... deixa eu ver aqui... 4 minutos e 19 segundos.

**Maria Stockler Carvalho:** Solta, solta, solta.

**Júlia Teixeira:** Oi, Maria.

**Maria Stockler Carvalho:** Preciso de ajuda, ele comeu papel higiênico.

**Maria Stockler Carvalho:** Na hora em que eu fui mostrar o banheiro pro Café, ele se interessou por uma coisa: o lixo. Quando eu me dei conta, ele tinha caído de boca no papel higiênico.

**Júlia Teixeira:** Ele pegou o papel?

**Maria Stockler Carvalho:** Pegou o papel que tava misturado...

**Maria Stockler Carvalho:** Um papel higiênico sujo, que tava dentro do lixo.

**Júlia Teixeira:** Mas ele já... Ele engoliu?

**Maria Stockler Carvalho:** Consegui tirar um pouco.

**Maria Stockler Carvalho:** Foi um pânico que eu nem sei dizer.

**Júlia Teixeira:** Tá, fecha a porta do banheiro, não tem problema. Agora ele já, já...  
O que ele conseguiu, ele conseguiu.

**Maria Stockler Carvalho:** Ai, santo Cristo.

**Júlia Teixeira:** Maria, normal, Maria.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Ele não vai morrer, né?

**Júlia Teixeira:** Não, não vai [ri]

**Maria Stockler Carvalhosa:** Falaram que não, não vai ser um bocado de papel higiênico que vai matar um labrador. Quando eu consegui me acalmar, eu comecei a achar graça. Não era o primeiro encontro que eu tinha imaginado, mas pareceu um tipo estranho de ritual de comunhão. Agora a gente era oficialmente íntimo.

Nessa hora, o George chamou a gente pro corredor. Cada um tava com seu cachorro na guia. Era estranho, essas duplas não existiam de manhã. Falaram pra gente andar em círculos pelo corredor.

No começo, os cães queriam brincar uns com os outros, ficavam puxando pro lado. Depois eles se acalmaram e a coisa foi fluindo. Parecia que eu tava dentro de um sonho. Que coisa louca tá girando em círculos com um cachorro que eu não conheço no meio de um monte de gente que eu também não conheço segurando seus respectivos cachorros.

Eu tava com um cão-guia. Parecia irreal.

Depois os instrutores chamaram a gente pro lado de fora do hotel. Eles falaram pra gente trazer um balde que tava dentro do armário do quarto, e foram explicando pra que servia cada coisa que tava dentro do balde. Tinha um pote de alumínio, pra colocar a ração; uma vasilha, pra medir a porção certa de comida; um apito, pra dar o comando de que o cachorro pode começar a comer; uma guia de restrição; uma escova e pasta de dente; um osso de brinquedo; uma escova; e uma bandana pra colocar no equipamento, onde tá escrito bem grande: "Não chame a minha atenção, estou trabalhando" – Isso porque ninguém deve fazer carinho num cão-guia

enquanto ele tá na função. O cachorro pode perder o foco, ficar agitado, e desorientar a pessoa cega. Nos piores casos, isso pode até causar um acidente.

A gente pegou na escova, e o George e o Gustavo ensinaram como escovar o cachorro. Tem que fazer isso todos os dias, pra que ele fique limpo e não solte tanto pelo nos lugares. Mas também é um momento importante para criar o vínculo. É um tipo de carinho. O Café ficou deitado de barriga pra cima enquanto eu escovava ele. Os cachorros todos foram se acalmando. Eu conseguia ouvir alguns roncando.

Eles ensinaram também a gente a levar o cachorro no banheiro. Eu tinha que ficar andando com ele de um lado pro outro falando "busy, busy, banheiro", que é o comando que eles usam. Eu me sentia meio ridícula. No começo, eu não conseguia entender nada. Era só o Café me puxando pra lá e pra cá.

Eu comecei a perceber a diferença de quando ele tava me puxando pra fazer cada uma das necessidades dele. A gente aprendeu também a catar o cocô. A partir daí, os cachorros já tavam por conta da gente. O Café já ia dormir no meu quarto na primeira noite.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Ah, não, vem cá. Bora, Café, bora descer da cama.

**Café:** [respina]

**Maria Stockler Carvalhosa:** Que safado, gente!

**Maria Stockler Carvalhosa:** A relação entre seres humanos e cachorros é muito antiga. E a história de humanos cegos sendo guiados por cachorros também. Mas a história do cão-guia como a gente conhece hoje começa no século passado. A história das terapias de reabilitação tá intimamente ligada às duas Guerras Mundiais – quando um número enorme de pessoas passou a ter deficiências físicas como consequência de bombas, tiros, ou gases venenosos. E esse aumento da "demanda" foi o começo de uma nova era em termos de ferramentas assistivas.

A história que se conta do cão-guia moderno é que, enquanto a primeira Guerra tava acontecendo, o médico alemão Gerhard Stalling tava caminhando no jardim do hospital com o cachorro dele e com um paciente que tinha perdido a visão. O doutor Stalling teve que fazer alguma coisa e deixou o cão e o paciente sozinhos. E quando ele voltou, ele percebeu que o cão tinha conduzido o paciente pelo jardim, desviando de possíveis obstáculos.

Em agosto de 1916, o doutor Stalling abriu a primeira escola de treinamento de cão-guia do mundo. A partir daí, os cachorros passaram a ser treinados de maneira mais sistemática. Os primeiros foram pastores-alemães. Hoje, as raças mais usadas variam de país pra país. Só têm que ser cães de médio ou grande porte, e de temperamento dócil. Em países de tradição islâmica, algumas escolas treinam minipôneis como guias pra deficientes visuais – isso porque os cães são considerados impuros.

No Brasil, a lei federal 13.146, de 6 de julho de 2015, estabeleceu o Estatuto da Pessoa com Deficiência – e o cão-guia foi legalmente classificado como tecnologia assistiva pra pessoas com deficiência visual. E, agora, eu era uma dessas pessoas.

Depois de um dia com o Café, eu me sentia absolutamente íntima dele. Era confortável e vertiginoso ao mesmo tempo. Eu nunca tinha tido um relacionamento assim, de ficar junto o tempo inteiro com outro ser vivo.

Nas duas semanas de treinamento no Instituto Magnus, o George e o Gustavo ensinaram a gente a andar com o cão-guia em tudo quanto era tipo de situação. Eu andei com o Café dentro e fora do Instituto, na rua, no centro de Sorocaba, na ciclovia perto da estrada, no shopping e no supermercado. Subi e desci escadas com ele, entrei e saí de elevadores e de escadas rolantes. Embarquei e desembarquei de vans, ônibus, carros com o Café. A gente fez treinamento de trânsito. Eu atravessei um monte de ruas. A gente simulou situações tipo um obstáculo bloqueando a calçada, um carro que avança. Eu não ficava gravando esses treinamentos pra não atrapalhar o processo. Mas depois eu voltava pro quarto pra registrar tudo.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Foi, a gente fez um treinamento de manhã, aqui. Tô aqui segurando o osso pro Café morder. Tá ficando mais automático isso, assim, tipo, de brincar com ele. Eu joga o osso, ele me traz e eu fico segurando. Vai demorar um tempo pra ele entender que sou cega, ainda. Não, enfim, ele sabe que eu sou cega, mas vai demorar um tempo para entender que ele precisa me trazer as coisas de volta. Ei, Café!

**Maria Stockler Carvalhosa:** Tinha muita coisa que o Café precisava aprender sobre mim, e muita coisa que eu fui aprendendo com ele.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Por exemplo, eu tava andando na rua com ele e eu queria que ele fosse mais rápido. Daí eu fiz o comando pra ele ir mais rápido que é "hup up, ir em frente, vai vai vai Café", sabe, cê meio que vai animando o cachorro pra ir em frente. Ele não foi. E daí, eu fiquei meio tipo, "ai, George, não tá indo, não tá dando certo. Não sei fazer isso". Daí o George falou: "calma". E daí o Café começou a desviar de um monte de coisa, ou seja, não viu – não come o microfone. Esse é outro problema, também. Ele só avançou agora, e nem mordeu, não se preocupe. Mas... Café, cê me fez perder. Ah, enfim, eu mandei ele ir mais rápido, ele não foi. Eu achei que eu, sabe? O cachorro não tava funcionando, não tava dando certo, não sabia fazer nada. E daí, quando eu vi depois, ele me ouviu, ouviu o que eu tava falando e ignorou solenemente porque ele ia ter que me desviar de um monte de coisa. Então ele me ouviu e decidiu que ele ia fazer outra coisa, porque ia ser melhor.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Eu fui passando a confiar no Café. Mas isso não significava que o trabalho tinha terminado. Tipo, ótimo, eu confiava no cachorro. Mas essa relação precisa ser construída o tempo todo – e o treinamento dele e meu também.

O cachorro é uma tecnologia assistiva, mas é um ser vivo. Então é uma forma de adaptação em um sistema aberto. O treinamento nunca acaba.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Enfim, mas eles treinaram a gente desviar de objetos na calçada que não eram pra estar na calçada. É, caçamba, moto, que é uma coisa muito de realidade brasileira, assim e que você tem que desviar pela rua, não tem outro jeito, assim. Então você para em frente ao objeto e fala: "Café, encontra o caminho". E o Café tem que tomar a decisão, tipo, de ir pela rua pertinho da guia, sabe? Que nem uma pessoa vidente faz.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Uma das coisas que eu mais tive dificuldade foi aprender a não reagir fisicamente – desviar ou parar – de coisas que por acaso eu visse com o meu resíduo visual. Eu tenho baixíssima visão, mas eu uso muito o resíduo que eu tenho pra desviar de objetos grandes acima do nível do chão, tipo postes, árvores. Quando eu usava a bengala, eu ficava sempre olhando pra baixo, tentando ver o máximo que eu podia. Quando eu fazia isso com o Café, a gente não conseguia andar junto direito. Pra facilitar, eu comecei a fechar os olhos. Mas quando passei a confiar mais nele, eu me forcei a olhar pra cima. E foi muito louco, porque eu voltei a ver um monte de coisas que eu achava que não via mais. Casas, árvores, prédios, fios elétricos. Eu me senti o mais adaptada possível, usando ao máximo todos os meus sentidos. E eu fiquei com a sensação de que as outras pessoas percebiam.

**Maria Stockler Carvalhosa:** E daí passaram dois caras de bicicleta e daí eles deram "bom dia" para mim, e eu não tô conseguindo descrever isso, eu tentei explicar pro George, mas foi um outro tipo de "bom dia". É um tipo de "bom dia" que eu não escuto há muito tempo, assim. Sabe? Não é tipo... É tipo, eles tavam passando com bicicleta deles e eu tava andando aqui, eu e meu cachorro, e, e nós éramos iguais, era tipo um "bom dia" no mesmo nível. Não era um bom dia, tipo, "ai, sua graça", "sua fofa", "sua cega", ah, essa coisa. Era tipo, ah, um bom dia, cê está vivendo aí sua vida, eu estou vivendo a minha vida, sabe? E daí eu achei incrível.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Nos dias de treinamento, os instrutores levavam uma pessoa pra treinar de cada vez. As outras quatro ficavam esperando juntas na sala – quando o treinamento era interno –, ou na van, quando o treinamento era fora do



Instituto. Eu não tava acostumada a conviver tanto com outras pessoas cegas. Eles eram muito diferentes de mim e muito diferentes entre si. Tinha um da Itália, outro do Rio Grande do Sul, um de São Paulo e outro que tinha nascido em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Cada um tinha seu trabalho e sua família. Cada um tinha uma história de cegueira diferente e lidava de uma maneira diferente com ela. Todos tinham ferramentas e formas de adaptação que eu não conhecia. Eu ganhei uma porção de dicas: panela elétrica, aplicativo de celular, até técnica de como fazer chimarrão.

Um dia a gente tava na van, indo pro centro de Sorocaba, quando dois dos meus colegas falavam que digitavam no celular em Braille. Eu disse que fazia um tempo que eu queria aprender a ler e escrever em braille. Foi aí que eles me ensinaram um jeito de ativar o teclado em Braille no celular. Depois, eu tinha que segurar o telefone com os polegares e os mindinhos como se fosse uma moldura. Assim eu ficava com três dedos de cada lado sobre a tela, marcando seis pontos. Na mão esquerda tavam os pontos um, dois e três e na mão direita estavam os pontos quatro, cinco e seis. E eles foram me ensinando os pontos e as letras. O A era só o ponto um, o B era o um e o dois, e o C era o um e o quatro. E eles foram falando todo o alfabeto e eu fui repetindo no celular. Diziam grupos de números, como um, dois, quatro e cinco; um, dois e três; dois, quatro e cinco, e eu ia repetindo, alternando os dedos. Parecia que eu era uma centopeia em cima do celular.

Eu tava num carro com o meu cão-guia, aprendendo Braille. E eu tive de novo aquela impressão de estar dentro de um sonho.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Então aqui está escrito: S... A... N... I... T. Isso aqui é uma letra que eu não conheço, mas eu imagino que seja o a com acento agudo.  
[canta] ...está perdida / Tenha fé em Deus, tenha... R... I. O... Sanit, alguma coisa, ário.

**Maria Stockler Carvalhosa:** No começo, eu ficava me esquecendo que eu não era a única pessoa ali que não enxergava. Eu levava um susto cada vez que eles começavam a falar de leitor de tela, de Jaws, de NVDA e Dosvox. Parecia que eu tinha

que me ajustar pra entrar e sair de outro planeta. Aos poucos eu fui me acostumando.

A maioria das pessoas lá, no carro, no refeitório, na sala, era cega que nem eu. Um dia, enquanto eu tava esperando pra treinar, eu fiquei lendo um livro. Numa parte, o narrador dizia: "Rita viu Sérgio entrando pela porta". Eu estranhei. Não parecia verossímil. As pessoas não enxergam, sabe? Quando eu percebi o que tinha acontecido, eu levei um susto – dessa vez inverso. A minha referência tinha mudado.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Eu, na minha vida normal, corrente, eu escuto muito que eu sou devagar, assim, e que eu sou, sabe? Cê é devagar, cê é preguiçosa, cê é lenta, cê... "Para, vai mais rápido, Maria! É pra hoje". Sabe? Muito, o tempo inteiro e eu achava isso, sabe, ah, eu sou lenta, sou preguiçosa, eu não faço nada. É muito ruim para a autoestima o capacitismo. É realmente uma coisa que vai te destruindo por dentro... Você só não se sente capaz. Depois de um tempo, você fica "ah, sou preguiçosa. É isso, eu não sei fazer nada. Eu sou lenta". E não é! Eles também demoram pra fazer as coisas. Isso que está sendo tão incrível. Ver tanta gente diferente, tanta gente que tem profissões tão diferentes, demora mais tempo pra fazer as coisas porque você é cego, e está tudo bem. Tipo, não é porque eu sou preguiçosa. Também, eu tenho dias que eu sou preguiçosa mesmo, eu tenho 20 anos de idade. Às vezes eu só fico muito cansada.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Eu não aguentava mais ser a única pessoa que não enxergava nas minhas aulas da faculdade, no meu grupo de amigos e na maioria dos lugares que eu frequentava. Parecia que eu tava sempre em descompasso com os outros, que eu tinha que me esforçar muito pra entrar dentro de um sistema de comunicação que é muito apoiado em referências visuais.

Eu tava sempre um pouco sozinha, e parecia que eu não conseguia respirar direito. E tanto no dia em que fui ao Benjamin Constant, quanto no tempo que fiquei em treinamento no Instituto Magnus, eu percebi que reunir um monte de pessoas que

conhecem o universo da cegueira é uma coisa muito potente. Rola muita troca de experiência e de informação.

Antes eu achava que ficar junto com pessoas que compartilhavam da mesma deficiência que eu podia ser algo protegido – mas não ia ser o mundo real.

O “mundo real” era ditado por quem enxergava. Os parâmetros eram visuais. Eu não enxergava, então eu tinha que fazer o máximo pra me aproximar desse mundo que já não me pertencia totalmente.

Nesse tempo no instituto, ouvindo meus colegas, eu comecei a sacar que a cegueira gera uma outra construção de mundo. Não é menos do que o mundo das pessoas que enxergam. Não falta nada. É um outro lugar, onde os sentidos interagem de outra forma. Eu acho que foi importante também ser a pessoa mais nova na minha turma. E eu pude ver que todos eles tinham construído uma vida. Trabalhavam, tinham mulher, filhos, cuidavam das suas casas. E eu vi que, afinal, era possível, que eu tinha futuro sendo cega.

Quando eu saí do instituto, parecia que eu tinha passado duas semanas em Marte. Eu não tava falando muito com ninguém do lado de fora. Foi estranho, eu cheguei em São Paulo e saí com o Café na rua. E eu ainda me lembrava dos comandos e dos movimentos. Aquilo tudo tinha acontecido mesmo.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Escada, encontra a escada, Café. “Tchau, mãe! A gente já volta. Tchau, tchau”. Encontra a escada, Café. Isso, muito bem! Junto. Café, ê, ê. Junto. Junto, Café. Junto, Café. Em frente. Direita é o caminho. Direita, direita à porta. Devagar, Café.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Não sei se rolou essa “ligação mágica” que todo mundo falava, e se eu e o Café já estamos totalmente adaptados. Eu sei que eu amo esse cachorro, e que eu confio nele.

Um dia, aqui em casa, eu sentei na frente do Café e fiz os nossos "votos de parceria". Eu disse pra ele que, por todos os dias em que a gente tiver junto, eu ia acordar às seis da manhã pra levar ele no banheiro, ia escovar o pelo dele e brincar com ele.

**Maria Stockler Carvalhosa:** Reto, caminho. Reto, caminho. Reto, caminho. Ê, ê, não pode, Café, não. Não. Café, não pode. Caralho, que loucura, meu Deus do céu! Que emoção! Gente... que loucura, eu nunca achei que isso fosse acontecer.

**Maria Stockler Carvalhosa:** É estranho pensar que eu nunca mais vou estar sozinha. Que eu vou cuidar dele, e que ele vai cuidar de mim. A gente vai se acompanhando, passando do lado de carros, bicicletas, pessoas, por um espaço que muda o tempo inteiro. No meio disso, a única coisa certa sou eu e o Café.

**Maria Stockler Carvalhosa:** leeeeeii, chegamo!! Muito bem, Café!! A porta, a porta, a porta. Isso, muito bem! Primeira saída com Café em território de casa, Rio de Janeiro. Muito feliz!

---

**Branca Vianna:** Essa foi a Maria Stockler Carvalhosa, colaboradora da Novelo.

Brigada por ouvir o Rádio Novelo Apresenta desta semana.

Te convido também a visitar o nosso site, [radionovelo.com.br](http://radionovelo.com.br), onde você encontra material extra de tudo o que a gente produz – inclusive do Apresenta.

Entrando no site, aproveita também pra assinar a nossa newsletter, pra ficar por dentro de todas as novidades e ainda receber dicas culturais quentinhas da nossa equipe.

Segue também o Rádio Novelo Apresenta no seu aplicativo de podcasts preferido, dá cinco estrelas, fala da gente por aí dentro e fora das redes pra ajudar o programa a crescer.

E, se você quiser entrar em contato com a gente – seja pra comentar um episódio, seja pra mandar uma ideia de história – é só escrever pro [apresenta@radionovelo.com.br](mailto:apresenta@radionovelo.com.br), ou marcar a gente nas redes, no [@radionovelo](https://www.instagram.com/radionovelo).

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Toda semana tem episódio novo, sempre às quintas-feiras. A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre. A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de estratégia é da Juliana Jaeger. Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise e a Évelin Argenta. As produtoras da nossa equipe são Bárbara Rubira, Clara Rellstab, Gabriela Varela, Júlia Matos e Natália Silva. A Paula Scarpin fez o desenho de som. A checagem deste episódio foi feita pela Marcella Ramos. Neste episódio, a gente usou música original de Arthur Kunz e também da Blue Dot. A mixagem é do Pipoca Sound. A promoção e distribuição são da Bia Ribeiro e da FêCris Vasconcellos. O Eduardo Wolff faz as nossas redes sociais, com peças do Mateus Coutinho.

Brigada, e até a semana que vem.